

WILDE, Oscar. Contos completos. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Editorial Brughera, s/d

WILDE, Oscar. Contos completos. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Editorial Brughera, s/d.

O PRÍNCIPE FELIZ

THE HAPPY PRINCE

A CARLOS BLACKER

Na parte mais alta da cidade, sôbre uma elevada coluna, erguia-se a estátua do Príncipe Feliz. Tôda coberta de leves fôlhas de ouro fino, tinha por olhos duas brilhantes safiras e um grande rubi vermelho refulgia no punho de sua espada.

Era por isso muitíssimo admirada.

— É tão belo como um cata-vento — observou um dos Conselheiros da Cidade, que desejava granjear fama de possuir gôsto artístico, acrescentando, no receio de que não o julgassem um homem prático, coisa que realmente não era: — Embora não seja tão útil.

— Por que não és como o Príncipe Feliz? — perguntou uma mãe sensata a seu filhinho que chorava querendo a lua. — O Príncipe Feliz nunca pensa em chorar para ganhar alguma coisa.

— Alegra-me saber que há alguém no mundo completamente feliz — murmurou um homem desiludido, ao contemplar a maravilhosa estátua.

— Parece um anjo — disseram os meninos de um asilo de caridade, ao saírem da catedral, com suas capas de um vermelho vivo e seus limpos aventais brancos.

— Como o sabeis? — disse o Professor de Matemática.

— Nunca vistes nenhum.

Contos de Oscar Wilde — 2



— Oh! Vimo-lo em nossos sonhos — responderam os meninos e o Professor de Matemática franziu o cenho, tomando um ar de severidade, porque não podia admitir que crianças sonhassem.

Uma noite, voou sôbre a cidade uma pequena Andorinha. Suas companheiras tinham partido para o Egito seis semanas antes, ela, porém, ficara para trás, pois se achava de amôres com um Caniço. Vira-o logo no comêço da primavera, quando voava sôbre o rio, em perseguição a uma grande borboleta amarela, e sentira-se tão atraída pelo esbelto talhe dêle que parara para dirigir-lhe a palavra.

— Deverei amá-lo? — disse a Andorinhã, que gostava de entrar diretamente em assunto, e o Caniço fêz-lhe uma profunda vênia. Pôs-se então a Andorinha a voar em redor dêle, roçando a água com suas asas e fazendo tremulinas prateadas. Era sua maneira de fazer a côrte e durou todo o verão.

— É uma paixão absurda — chirriavam as outras Andorinhas. — Êle não tem dinheiro e parentes não lhe faltam.

De fato, o rio estava repleto de Caniços. Depois, quando chegou o outono tôdas as andorinhas alçaram vôo.

Uma vez partidas suas companheiras, sentiu-se ela sôzinha e começou a cansar-se de seu amado.

— Não sabe conversar — disse ela — e receio que seja infiel, porque está sempre a namorar o vento.

E, de fato, quando o vento soprava, o Caniço fazia as mais graciosas cortesias.

— Pelo que vejo é muito caseiro — continuou a Andorinha —, ao passo que eu adoro viajar, e meu marido, conseqüentemente, deveria gostar de viajar também.

— Queres vir comigo? — perguntou-lhe afinal, mas o Caniço abanou a cabeça. Era tão apegado a seu lar...

— Estiveste a zombar de mim — exclamou ela. — Parto para as Pirâmides. Adeus.

E voou.

Voou o dia inteiro e à noite chegou à cidade.

155

— Onde me alojarei? — disse. — Espero que a cidade tenha feito preparativos para receber-me.

Viu então a estátua sôbre a alta coluna.

— Alojarme-ei ali — exclamou. — É uma bela posição, com muito ar fresco.

E pousou justamente entre os pés do Príncipe Feliz.

— Tenho um quarto de dormir dourado — disse ela baixinho, olhando em redor. E preparou-se para dormir. Mas, precisamente, quando ia pondo sua cabeça sob a asa, uma grande gôta d'água caiu-lhe em cima.

— Que coisa curiosa! — exclamou. — Não há uma nuvem sequer no céu, as estrélas estão bem claras e brilhantes e, contudo, está chovendo. O clima no norte da Europa é realmente terrível. O Caniço gostava de chuva, mas era puro egoísmo da parte dêle.

Depois caiu outra gôta.

— Para que serve uma estátua, se não resguarda da chuva? — disse ela. — Vou tratar de arranjar um bom cano de chaminé.

E decidiu voar.

Mas antes que abrisse as asas, caiu uma terceira gôta. Olhou para cima e viu... Ah! que viu ela?

Os olhos do Príncipe Feliz estavam cheios de lágrimas e lágrimas escorriam-lhe pelas faces de ouro. Seu rosto era tão belo ao clarão do luar que a pequena Andorinha encheu-se de compaixão.

— Quem és? — perguntou-lhe.

— Sou o Príncipe Feliz.

— Por que estás chorando então? — perguntou a Andorinha. — Molhaste-me tôda.

— Quando eu era vivo e tinha um coração humano — respondeu a estátua —, não sabia o que eram lágrimas, pois vivia no Palácio da Despreocupação, onde não se permite a entrada da tristeza. Durante o dia, brincava com meus companheiros no jardim e à noite dirigia a dança no Grande Salão. Em tórno do jardim corria um muro muito alto, mas nunca tive a preocupação de perguntar o que havia por trás dêle, pois tudo quanto me

cercava era maravilhoso. Meus cortesãos chamavam-me o Príncipe Feliz e feliz de fato eu era, se o prazer é felicidade. Assim vivi, e assim morri. E agora que estou morto, puseram-me aqui tão alto que posso ver tôda a feiúra e tôda a miséria de minha cidade e, embora meu coração seja feito de chumbo, não me resta remédio senão chorar.

— Como? Não é de ouro de lei? — disse a si mesma a Andorinha. Era por demais delicada para fazer qualquer observação pessoal em voz alta.

— Bem distante — continuou a estátua, em voz baixa e musical —, bem distante daqui, numa ruazinha, há uma pobre casa. Uma das janelas está aberta e através dela posso ver uma mulher sentada a uma mesa. Seu rosto é magro e fatigado, tem mãos ásperas e vermelhas, picadas tôdas de agulha, pois é costureira. Está bordando passifloras num vestido de cetim para a mais bela das damas de honor da Rainha usar no próximo baile da côrte. Numa cama, a um canto do quarto, seu filhinho jaz doente. Tem febre e está pedindo laranjas. Sua mãe nada tem para dar-lhe senão água do rio, por isso êle chora. Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha, não quererás levar-lhe o rubi do punho de minha espada? Meus pés estão presos ao pedestal e não posso mover-me.

— Estou sendo esperada no Egito — disse a Andorinha.

— Minhas companheiras estão voando acima e abaixo do Nilo e conversando com as grandes flôres de lótus. Em breve irão dormir no túmulo do grande Rei, que ali se encontra no seu ataúde pintado. Envolve-o um pano amarelo e está embalsamado com substâncias aromáticas. Em tórno de seu pescoço vê-se uma corrente de jade verde-pálido e suas mãos assemelham-se a fôlhas sêcas.

— Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha — disse o Príncipe —, não quererás ficar comigo uma noite e ser minha mensageira? O menino está com tanta sede e a mãe tão triste.

— Creio que não gosto de meninos — respondeu a Andorinha. — No passado verão, quando permanecia eu à

margem do rio, dois meninos grosseiros, filhos do moleiro, estavam sempre a atirar-me pedras. Nunca me atingiram, naturalmente; nós, andorinhas, voamos bem demais para que isso aconteça, e além do mais, venho de uma família famosa pela sua agilidade; mas apesar de tudo, era uma falta de respeito.

Mas o Príncipe Feliz parecia tão triste que a pequena Andorinha também se entristeceu.

— Faz muito frio aqui — disse ela —, mas ficarei convosco por uma noite e serei vossa mensageira.

— Obrigado, pequena Andorinha — disse o Príncipe.

De modo que a Andorinha arrancou o grande rubi da espada do Príncipe e voou com êle no bico por cima dos tetos da cidade.

Passou pela tórre da catedral, onde os anjos de mármore branco estavam esculpidos. Passou pelo palácio e ouviu o som de danças. Uma formosa môça surgiu no balcão com seu amado.

— Como são maravilhosas as estrêlas — disse-lhe êle — e quão maravilhoso é o poder do amor!

— Espero que meu vestido esteja pronto para o baile da côrte — respondeu ela. — Mandei bordar passiflofas nêle, mas as costureiras são tão preguiçosas.

Passou sôbre o rio e viu as lanternas penduradas dos mastros dos navios. Passou sôbre o gueto e viu os velhos judeus barganhando uns com os outros e pesando dinheiro em balanças de cobre. Por fim chegou à casa pobre e olhou para dentro. O menino remexia-se febrilmente em seu catre e a mãe havia adormecido, tão cansada estava. A Andorinha penetrou na casa e depositou o grande rubi sôbre a mesa, ao lado do dedal da costureira. Depois revolteou delicadamente em redor da cama, abanando com suas asas a frente do menino.

— Que frescor estou sentindo! — disse o menino. — Devo estar melhorando.

E mergulhou num delicioso sono.

Então a Andorinha voou de volta para o Príncipe Feliz e contou-lhe o que tinha feito.

— É curioso — observou ela —, mas sinto-me completamente quente agora, apesar do frio que está fazendo.

— É porque praticaste uma boa ação — disse o Príncipe.

E a pequena Andorinha começou a pensar, mas depois adormeceu. Pensar sempre a fazia dormir.

Quando rompeu o dia, voou para o rio e tomou um banho.

— Que notável fenômeno! — exclamou o Professor de Ornitologia, que passava pela ponte. — Uma Andorinha no inverno!

E escreveu uma longa carta a respeito disso para o jornal local. Tôda a gente a citou, pois estava cheia de numerosas palavras incompreensíveis.

— Esta noite partirei para o Egito — disse a Andorinha, e só em pensá-lo enchia-se de animação. Visitou todos os monumentos públicos e pousou por muito tempo no alto do campanário da igreja. Por todos os lugares onde passava os Pardais chilreavam, dizendo uns aos outros:

— Que estrangeira distinta!

Isto a enchia de satisfação.

Quando a lua surgiu, voou de volta para o Príncipe Feliz.

— Tendes algum recado para o Egito? — gritou ela. — Vou partir agora mesmo.

— Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha — disse o Príncipe —, não queres ficar comigo mais uma noite?

— Esperam-me no Egito — respondeu a Andorinha. — Minhas companheiras voarão amanhã para a Segunda Catarata. Ali o hipopótamo repousa entre os juncos e o Deus Memnon está sentado sôbre uma grande casa de granito. Durante a noite inteira contempla as estrêlas e quando a estrêla da manhã fulge, lança êle um grito de alegria, para depois ficar silencioso. Ao meio-dia os fulvos leões descem para beber na margem do rio. Seus olhos são como verdes berilos e seu rugido mais alto do que o estrondo da catarata.

— Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha — disse o Príncipe —, bem distante daqui, do outro lado da cidade, vejo um rapaz num sótão, curvado sobre uma mesa coberta de papéis e num copo a seu lado vê-se um ramo de violetas murchas. Seu cabelo é castanho e anelado e seus lábios vermelhos como uma romã. Tem olhos grandes e sonhadores. Está tentando acabar uma peça para o Diretor do Teatro, mas sente tanto frio que não pode escrever mais. Não há fogo na grelha e a fome deixou-o enfraquecido.

— Passarei convosco mais uma noite — disse a Andorinha que, na realidade, tinha um bom coração. — Terei de levar-lhe outro rubi?

— Ai de mim! Não tenho rubi agora — disse o Príncipe. — Meus olhos são tudo quanto me resta. São feitos de raras safiras, trazidas da Índia há mil anos passados. Arranca uma delas e leva-a para êle. Vendê-la-á ao joalheiro, comprará lenha e acabará sua peça.

— Querido Príncipe — disse a Andorinha —, não posso fazer isto.

E começou a chorar.

— Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha — disse o Príncipe — faze como te ordeno.

De modo que a Andorinha arrancou o olho do Príncipe e voou para o sótão do estudante. Foi bastante fácil penetrar nêle, pois havia um buraco no telhado. Varou-o e entrou na quarto. O rapaz tinha a cabeça mergulhada nas mãos, tanto que não ouviu o adejo das asas do pássaro e, quando olhou para cima, descobriu a bela safira entre as violetas murchas.

— Estou começando a ser apreciado — exclamou. — Isto deve provir de algum grande admirador meu. Agora posso acabar minha peça.

E parecia inteiramente feliz.

No dia seguinte, voou a Andorinha para o pôrto. Pousou no mastro de um grande navio e estêve vendo os marinheiros extraindo, por meio de cabos, grandes caixas do porão.

— Iça! — gritavam, à medida que cada caixa chegava em cima.

— Parto para o Egito! — gritou a Andorinha, mas ninguém se importou e, quando a lua se ergueu, voou de volta para o Príncipe Feliz.

— Vim dizer-vos adeus — gritou ela.

— Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha — disse o Príncipe —, não queres ficar comigo mais uma noite?

— Estamos no inverno — respondeu a Andorinha —, e a gelada neve não tardará a cair aqui. No Egito o sol é quente sobre as verdes palmeiras e os crocodilos jazem na lama, lançando em tórno de si olhares ociosos. Minhas companheiras estão construindo um ninho no Templo de Baalbec e as pombas brancas e vermelhas as observam, e arrulham entre si. Caro Príncipe, tenho de deixar-vos, mas nunca me esquecerei de vós e na próxima primavera trar-vos-ei de volta duas belas jóias para substituir aquelas que destes. O rubi será mais vermelho do que uma rosa vermelha e a safira tão azul como o grande mar.

— Lá embaixo, na praça — disse o Príncipe Feliz —, está uma vendedorinha de fósforos. Deixou seus fósforos caírem na sarjeta. Estragaram-se. Seu pai baterá nela, se não levar algum dinheiro para casa e ela está chorando. Não tem sapatos nem meias e sua cabecinha está descoberta. Arranca meu outro olho e entrega-lho e assim seu pai não lhe baterá.

— Ficarei convosco mais uma noite — disse a Andorinha —, mas não posso arrancar vosso olho. Ficareis completamente cego então.

— Andorinha, Andorinha, pequena Andorinha — disse o Príncipe —, faze como te ordeno.

De modo que ela arrancou o outro olho do Príncipe e voou rápida com êle. Desceu sobre a pequena vendedora de fósforos e deixou cair-lhe na palma da mão a jóia.

— Que lindo pedaço de vidro! — exclamou a menina. E correu para casa, rindo.

Então a Andorinha voltou para o lado do Príncipe.

— Estais cego agora — disse ela —, e por isso ficarei sempre convosco.

— Não, pequena Andorinha — disse o pobre príncipe —, deves partir para o Egito.

— Ficarei convosco para sempre — disse a Andorinha e adormeceu aos pés do Príncipe.

Durante todo o dia seguinte ficou ela pousada no ombro do Príncipe e contou-lhe histórias do que tinha visto em terras estranhas. Falou-lhe dos íbis vermelhos, que se alinham em longas fileiras nas margens do Nilo e apanham com os bicos peixes dourados; da Esfinge, tão velha quanto o próprio mundo e que vive no deserto e sabe tôdas as coisas; dos mercadores, que caminham lentamente ao lado de seus camelos e levam nas mãos rosários de âmbar; do Rei das Montanhas da Lua, tão negro como ébano e adorador de um grande cristal; da grande serpente verde que dorme numa palmeira e tem vinte sacerdotes para alimentá-la de bolos de mel; e dos pigmeus que navegam sobre um grande lago em largas fôlhas chatas e estão sempre em guerra com as borboletas.

— Querida Andorinhazinha — disse o Príncipe —, faldas-me de coisas maravilhosas, porém mais maravilhoso do que tudo é o sofrimento dos homens e das mulheres. Não há Mistério tão grande como a Miséria. Vôa sobre minha cidade, pequena Andorinha, e conta-me o que vires ali.

De modo que a Andorinha voou sobre a grande cidade e viu os ricos divertindo-se em suas belas casas, enquanto os mendigos se sentavam diante dos portões. Voou sobre negras vielas e viu as caras pálidas de crianças famintas contemplando, indiferentes, as ruas escuras. Sob o arco de uma ponte, dois meninos jaziam abraçados para tentar aquecerem-se mutuamente.

— Estamos com muita fome — diziam.

— Não devem ficar aí — gritou o guarda e eles tiveram de afastar-se, debaixo da chuva.

Então ela voou de volta e contou ao Príncipe o que vira.

— Estou coberto de fino ouro — disse o Príncipe. — Deves tirá-lo, fôlha a fôlha, e dá-lo a meus pobres; os homens sempre pensam que o ouro pode torná-los felizes.

Fôlha após fôlha de fino ouro a Andorinha arrancou, até que o Príncipe Feliz ficou inteiramente baço e cinzento. Fôlha após fôlha do fino ouro levou ela para os pobres e as faces das crianças tornaram-se mais rosadas e riam e brincavam nas ruas.

— Temos pão agora! — gritavam.

Então chegou a neve e depois da neve o gelo. As ruas pareciam feitas de prata, muito brilhantes e cintilantes; compridos pingentes como punhais de cristal pendiam dos beirais das casas, todos saíam envoltos em peles e os meninos usavam bonés escarlates e patinavam sobre o gelo.

A pobre Andorinhazinha foi ficando cada vez mais fria, mas não queria abandonar o Príncipe, porque o amava ternamente. Bicava as migalhas do lado de fora da porta do padeiro, quando este não estava olhando e tentava conservar-se quente batendo as asas.

Mas por fim percebeu que ia morrer. Teve apenas a força suficiente para voar até o ombro do Príncipe mais uma vez.

— Adeus, querido Príncipe! — murmurou. — Permite que eu vos beije a mão.

— Alegra-me grandemente saber que vais por fim para o Egito, pequena Andorinha — disse o Príncipe. — Ficaste aqui demasiado tempo. Mas deves beijar-me os lábios, porque te amo.

— Não é para o Egito que vou partir — disse a Andorinha. — Vou para a Casa da Morte. A Morte é irmã do Sono, não é?

E beijou os lábios do Príncipe Feliz e caiu morta a seus pés.

Naquele momento, curioso estalido soou no interior da estátua, como se alguma coisa se houvesse partido. O fato

é que o coração de chumbo tinha-se partido certo em dois pedaços. Fazia certamente um frio tremendo.

Cedo, no dia seguinte, estava o Prefeito passeando lá embaixo, na praça, em companhia dos Conselheiros da Cidade. Ao passarem pela coluna, ergueu êle a vista para a estátua:

— Deus meu! — exclamou. — Quão andrajoso parece o Príncipe!

— Quão androjoso, de fato! — exclamaram os Conselheiros da Cidade, que sempre concordavam com o Prefeito. E puseram-se a contemplar a estátua.

— O rubi caiu-lhe da espada, seus olhos desapareceram e não é mais de ouro — disse o Prefeito. — Na verdade, está pouco melhor que um mendigo!

— Um pouco melhor que um mendigo — disseram os Conselheiros da Cidade.

— E eis aqui sem dúvida um pássaro morto a seus pés! — continuou o Prefeito. — Devemos efectivamente lançar uma proclamação para que não seja permitido a pássaros morrerem aqui.

E os Conselheiros da Cidade tomaram nota da 'sugestão.

De modo que derrubaram a estátua do Príncipe Feliz.

— Uma vez que não tem mais beleza, não tem mais utilidade — disse o Professor de Arte da Universidade.

Depois fundiram a estátua numa fornalha e o Prefeito presidiu uma reunião da Corporação para decidir o que devia ser feito com o metal.

— Poderíamos ter outra estátua — propôs êle. — A minha, por exemplo.

— A minha — disse cada um dos Conselheiros da Cidade e travaram disputa. A única notícia que tive dêle é que continuam ainda a discutir.

— Que coisa estranha! — disse o inspetor dos operários da fundição. — Este coração de chumbo partido não se deixa fundir na fornalha. Devemos atirá-lo fora.

De modo que o atiraram a um montão de lixo onde também jazia a Andorinha morta.

— Traze-me as duas coisas mais preciosas da cidade — disse Deus a um de Seus Anjos. E o Anjo trouxe-lhe o coração de chumbo e o pássaro morto.

— Escolheste certo — disse Deus —, pois no meu jardim do Paraíso êsse passarinho cantará para todo o sempre e na minha cidade de ouro o Príncipe Feliz entoará meus louvores.